

Toda a América

Ilustrado por De Garo, impresso por Pimenta de Mello, apareceu nos fins do último dezembro mais um livro de poemas de Ronald de Carvalho.

Neste livro que o poeta já aplaudido de tantos livros verdadeiros teve o gesto elegante de mandar ilustrá-lo pelo estranho pintor De Garo, fortíssimo pintor que deixou entre nós uma bem impressiva nota de seu valor com a expressão vitoriosa e ativa da sua grande arte pessoal, há o sentimento unânime de TODA A AMÉRICA, de todas as raças que lutam, trabalham e amam sobre o solo americano.

Corre por todos os apóstolos do espírito moderno a idéia de que este novo ritmo reduz-se em síntese na apreciação de dois valores originais na arte: a multidão e o inconsciente. Lendo-se a obra de Ronald de Carvalho nota-se que há nela apenas multidão sendo o pensamento concatenado e explícito, às vezes mesmo deslizando numa prolixidade talvez imprópria à poesia mas que em determinadas circunstâncias toma um relevo imprevisto, como este período do seu poema BRASIL:

*Eu ouço o chiar das caatingas – Trilos, pios,
pipilos, trinos, assobios, zumbidos, bicos
que picam, bordões queroam retesos,
tímpanos que vibram límpidos, papos
que estufam, asas quezinem, zinem,
rezinem, cris-cris, cicios, cismas, cismas,
longas, langues – -caatingas de debaixo do céu!*

Aí, ouvem-se bem todos os barulhos de nossas matas e ressalta o ruído longo, bárbaro das cigarras.

Ao lado dos poemas de ação unânime vêem-se no livro pequenos quadros de um colorido rico, cheio de sol, umas paisagens alegres de sol muito rico e muito intenso, de verdes e vermelhos muito intensos, compostas numa rapidez de visão surpreendida pela claridade. Pequenas paisagens pintadas com a pressa de quem viaja, mas ainda assim apanhando os contrastes e contornos flagrantemente.

Dos poemas gerais que são a parte principal do livro não comportando uma apreciação mais larga na estreiteza desta notícia, apenas insistirei que eles representam uma bela descoberta do poeta e, ao mesmo tempo, um moderno e claro regresso ao americanismo – primeira expressão do sentimento local na literatura brasileira, como bem observou Tristão de Athayde.